

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1251 - 17/03/2014 a 23/03/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

COPA DO MUNDO

\$EGURANÇA MÁXIMA

(E IN\$EGURANÇA NA
LOGÍSTICA DO PAÍS)

PALMAS

Para as
Maçãs

GUARAQUEÇABA

O Berço do
Paraná

CAMPANHA

Plante seu
Futuro

Aos Leitores



No final de fevereiro uma pesquisa do DataFolha revelou que a realização da Copa do Mundo deste ano no Brasil tem o apoio de somente 52 por cento dos brasileiros. É uma queda acentuada diante dos 79 por cento que declaravam ser a favor do evento no país em novembro de 2008. Inicialmente considerada uma oportunidade para melhorar a infraestrutura do país, o Mundial tornou-se sinônimo de obras atrasadas e projetos abandonados.

A mídia, principalmente os telejornais, fizeram verdadeiros Raio X sobre os custos dos estádios, chamados de Arenas, e sobre as exigências – muitas vezes absurdas da Fifa nas 12 cidades-sede da Copa. Esses componentes provavelmente expliquem que apenas pouco mais da metade dos brasileiros apoiam a realização desse evento. Calcula-se que a Copa terá um custo de cerca de R\$ 30 bilhões.

As pesquisas também constatarem que a maioria absoluta dos brasileiros apoia manifestações, mas repudia atos de vandalismo. Como há interrogações sobre o que pode acontecer em junho próximo, uma estrutura de segurança nunca vista no país está praticamente estruturada para a Copa.

Esse aparato é abordado nesta edição que lembra também as promessas feitas sobre grandes e necessárias obras para infraestrutura e logística do país, mas que empacaram.

Índice

Copa do Mundo	03
Preço da Terra	08
Maçãs de Palmas	10
Novo Ministro	13
Guaraqueçaba.....	14
Helicoverpa	16
Plante seu Futuro	19
Tecnologia	20
Homeopatia	22
Porto Empacado.....	24
Cartas/Tabaco	25
Proagro/Trigo	26
Consecana	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Fotos: Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP, AEN e Gilson Abreu.

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

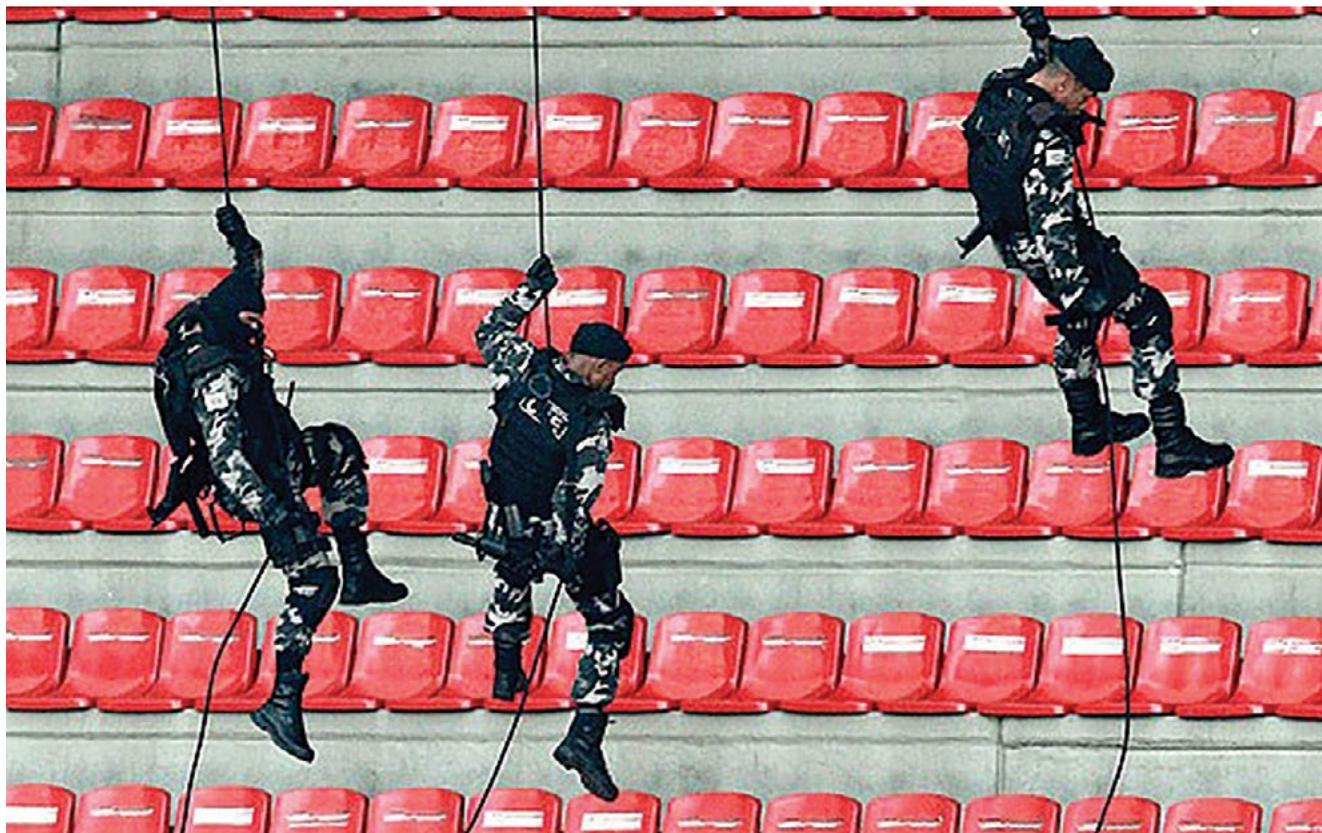
Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Segurança Máxima

Teoricamente a Copa do Mundo seria o evento para a alegria do povo, mas nunca antes na história deste país houve uma mobilização de tantas forças (e recursos) de segurança como a que ocorrerá em junho próximo



Até o mês que vem o Plano de Segurança Pública e Defesa para a Copa do Mundo estará pronto. Na primeira parte, o delegado da Polícia Federal, Andrei Passos Rodrigues, secretário extraordinário para Grandes Eventos, afirma que poderão estar disponíveis 100 mil homens das polícias civis e militares dos Estados, a Polícia Federal e a Força Nacional de Segurança que serão responsáveis por controlar estádios, centro de treinamento, portos e aeroportos, hotéis e delegações, pontos turísticos e locais de exibição pública.

Outros 57 mil homens treinados das Forças Armadas estarão envolvidos diretamente na segurança da Copa do Mundo, em junho. Soldados e blindados, porém, não estarão ostensivamente nas ruas das 12 capitais-sedes dos jogos, mas estarão em pontos estratégicos como centrais de energia e comunicação e torres de transmissão. “Nosso limite é, na verdade, 250 mil homens, o que temos em ação nas Forças Armadas e que podem ser chamados em caso extremo. Mas esses 57 mil são os que receberam treinamento

específico”, explicou o general Jamil Megid coordenador das Forças Armadas para a Copa. Os militares só serão acionados sob pedido dos governadores dos Estados envolvidos na Copa.

Serão utilizados ainda 20 navios e outras 60 embarcações pequenas para patrulhar o litoral e também os rios nas cidades-sede, especialmente aquelas em que eles ficam muito próximos dos estádios, como Cuiabá e Porto Alegre. Nos aeroportos ficarão atiradores de elite da Aeronáutica, mas fora da vista da população em geral. O controle aéreo será feito por aviões em cada cidade durante os jogos, além de um número não definido de helicópteros. Também serão usados aviões sem piloto, os drones, para sobrevoarem os estádios em dias de jogos. Durante todo esse período, o espaço aéreo sobre a cidade onde está acontecendo a partida ficará limitado e, sobre os estádios, fechado. Nem mesmo helicópteros da Fifa ou das redes de tevê poderão fazer sobrevoos. Uma Central de Inteligência, em Brasília controlará os acontecimentos nas capitais-sedes.

O preço da Copa

Um informe foi produzido e assinado por Hugo Salcedo, da Fifa, que coordenou a primeira inspeção no país entre agosto e setembro de 2007. Na época, a Fifa considerou que o orçamento havia sido “bem preparado” e que “não havia dúvidas” sobre o compromisso do Brasil de atender às exigências da entidade. “A CBF, atualmente, estima que os investimentos relacionados com a construção e reformas de estádios estão em US\$ 1,1 bilhão”, escreveu a Fifa nesse informe do primeiro levantamento técnico sobre o país, fechado em 30 de outubro de 2007 e obtido pelo jornal “O Estado de S. Paulo”. Informava que as arenas custariam US\$ 1,1 bilhão, cerca de R\$ 2,6 bilhões.

A última estimativa oficial, porém, dá conta de que o valor chegará a R\$ 8,9 bilhões. Só o estádio Mané Garrincha, em Brasília, custou R\$ 1,566 bilhão e o Maracanã, no Rio R\$ 1,2 bilhão.

O mais recente balanço, divulgado no final do ano passado pelo Ministério do Esporte, indicava que a Copa do Mundo de 2014 tinha um orçamento de R\$ 25,6 bilhões (ou cerca de US\$ 10,6 bilhões, com o câmbio atual). Segundo ainda o jornal “O Estado de

São Paulo” esse valor está defasado (há estimativas de que, no final, a conta baterá nos R\$ 30 bilhões). “Isso porque a última atualização foi feita em setembro do ano passado – houve outra em novembro, basicamente para a retirada do documento de obras que não ficarão prontas até a Copa”, publicou o jornal no início deste mês.

Fronteira aberta

Diante de tantos números bilionários e preocupações com segurança, parlamentares paranaenses estranharam a decisão da ministra do Planejamento, Miriam Belchior. Ela simplesmente bloqueou uma emenda no valor de R\$ 130 milhões, para equipar as forças de segurança das regiões de fronteira do Estado, notadamente na região de Foz do Iguaçu. A emenda é assinada pela bancada dos deputados e senadores do Paraná, ou seja, é uma unanimidade entre os parlamentares paranaenses a importância de melhorar as condições de fiscalização nestas regiões. Segundo o senador Álvaro Dias, “é uma temeridade e demonstra a falta de visão estratégica deste governo, já que os recursos seriam utilizados para equipar as forças de segurança na fronteira, inclusive durante a Copa do Mundo”.

Mané Garrincha R\$ 1,566 bilhão



Ponte da Amizade R\$ 130 milhões?

A promessa: R\$ 240 bi para rodovias, ferrovias, portos....

No embalo da Copa sobraram anúncios feéricos sobre monumentais planos e recursos para a infraestrutura e a logística nacionais. Foi o que aconteceu com o economista Bernardo Figueiredo, apontado como salvador da logística e da infraestrutura do país, e primeiro presidente da recém-criada Empresa Brasileira de Logística (EPL), em agosto de 2012.

Nas suas mãos caiu o Programa de Investimentos em Logística, anunciado com pompa e circunstância pela presidente Dilma Rousseff. Representava módicos R\$ 240 bilhões de investimentos privados em rodovias, ferrovias, portos, aeroportos e no projeto do Trem Bala. “A ideia é realizar todos os leilões de rodovias e ferrovias até dezembro de 2013. Em setembro, o governo vai licitar a primeira etapa do Trem Bala”, disse o visionário Figueiredo no Sindicato dos Engenheiros de São Paulo, em 7 de junho de 2013. Nesse depoimento aos engenheiros paulistas, não faltaram números para recheiar as palavras do meteórico comandante da logística nacional.

Seriam construídos:

- 10 mil quilômetros para integrar as rodovias, ferrovias e portos;
- Duplicados 7.500 km de rodovias, com R\$ 42 bilhões, sendo R\$ 23,6 bilhões nos primeiros cinco anos;
- Haveria a remodelação e arrendamento de 150 terminais portuários, eram estimados R\$ 20,2 bilhões;
- Nos TUPs (Terminais de Uso Privado) aplicação de R\$ 30,6 bilhões;
- No Plano Nacional de Dragagem II, R\$ 3,8 bilhões; nos aeroportos do Galeão (RJ) e Confins (MG), R\$ 11,4 bilhões, e na primeira fase de modernização de 270 aeroportos regionais, R\$ 7,3 bilhões (a presidente chegou a anunciar 800 aeroportos desse tipo);
- Na etapa inicial do trem bala Rio de Janeiro-São Paulo-Campinas, seriam R\$ 7,7 bilhões (preços de dezembro de 2008).



O poder paranaense...

Bernardo Figueiredo durou no cargo 16 meses e foi detonado pela presidente da República em dezembro de 2013. Em seu lugar Dilma colocou a então ministra Gleisi Hoffmann como coordenadora de todos os projetos logísticos do país.

Passou a reinar grande expectativa no Paraná com a assunção de Gleisi num posto tão importante, pois passou coordenar obras estimadas em R\$ 240 bilhões e ainda exercia a chefia da Casa Civil, onde permaneceu até o início de fevereiro último. Com Gilberto Carvalho, Gleisi e seu marido Paulo Bernardo, formou-se o trinômio paranaense no Planalto. O problema é que o trio não foi tão dedicado em proporcionar dividendos ao seu Estado de origem.

Em 22/08/2012, em Brasília, por exemplo, Gleisi recebeu integrantes do Fórum Permanente Futuro 10 Paraná, parlamentares do Estado e o secretário estadual de Infraestrutura, Pepe Richa, para tratar da infraestrutura do Paraná. Uma semana antes o governo federal havia lançado o Programa de Investimentos em Logística (PIL). Disse ela no encontro:

- “Vamos ter uma ferrovia vindo de Maracaju (MS),

portanto um canal de escoamento da produção do Mato Grosso do Sul e de parte do Mato Grosso. Ela vai passar por Guaíra, indo a Cascavel e utilizando trechos, se o governo do Estado concordar, da Ferroeste, que vai até Guarapuava e, depois, Irati, onde bifurca para o Porto de Paranaguá e para Mafra, no sentido extremo sul”, explicou Gleisi. Até hoje a tal ferrovia sequer saiu do papel, porque até os desenhos iniciais tinham erros primários da geografia nacional. Em informes de jornais sobre a descarrilada logística nacional surgiu a alternativa Maracaju-Panorama (SP) em vez de Maracaju-Paranaguá, o que indicaria que novamente o Paraná entrou pelo túnel.

Enquanto isso, Paranaguá...

Posteriormente, ignorando um detalhado trabalho aprovado por todos os usuários do Porto de Paranaguá – o Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto de Paranaguá (PDZPO) a ministra cacifou a proposta formulada pela Empresa Brasileira de Projetos (EBP) para tratar de inovações em todos os protos brasileiros. O resultado prático dessa decisão ocorreu no último dia 7, quando a Antaq revogou consultas e audiências



realizadas em outubro para os novos arrendamentos do Porto de Paranaguá (veja pg 24).

A repórter Camila Neumam, em matéria do site UOL, buscou em dados do Ministério do Planejamento os investimentos realizados nos portos brasileiros e constatou que o governo federal deixou de investir 72% dos recursos previstos em 14 anos. Na relação dos terminais portuários Paranaguá não merece nem uma vírgula, sequer aparece.

Com uma costa marítima de 8.500 quilômetros, o Brasil possui um setor portuário que movimenta anualmente cerca de 700 milhões de toneladas de mercadorias e responde por mais de 90% das exportações do país, de acordo com a Secretaria dos Portos. Os portos federais brasileiros investiram apenas 28,5% dos recursos previstos pela União entre os anos de 2000 e 2013. Isso significa que deixaram de investir 71,5% dos valores que estavam destinados a eles.

Em valores não corrigidos pela inflação, foram investidos no período apenas R\$ 2,4 bilhões dos R\$ 8,5 bilhões orçados para os 23 portos federais vinculados à Secretaria Especial dos Portos (SEP), do governo federal.

O aproveitamento dos investimentos nos portos federais foi ainda ligeiramente menor em 2013: 28,3%. No ano passado

foram investidos apenas R\$ 470,7 milhões do R\$ 1,66 bilhão previstos. Mas o Porto de Paranaguá não viu a cor de nenhum investimento.

As informações são do Sistema de Informações Estaduais do Ministério do Planejamento.

Cadê planejamento?

Para o professor Rui Botter, do Centro de Inovação em Logística e Infraestrutura Portuária, da Poli-USP, “falta um planejamento logístico de longo prazo, que faça a ligação entre portos, rodovias e ferrovias, é o que impede grandes investimentos no setor”.

Já para o professor da Unifesp, Paulo Costacurta de Sá Porto, especialista em Economia marítima e portuária “não adianta ter grandes investimentos na parte interna do porto, se na logística e na infraestrutura, que são obras feitas com recursos da União, eles não acontecem e isso acaba dificultando a operação portuária em geral. Com esse dinheiro perdido, seria possível construir avenidas que separariam a rota dos caminhões da via urbana e da ferrovia, agilizando o escoamento.



Minha terra, minha vida

No Paraná preço das terras em 2013 teve alta de 16%



Ao ler em “O Estado de São Paulo” do último dia 10, a eleição do hectare nas várzeas de Jaraguá do Sul como o mais caro do país (R\$ 48 mil), corretores de terras rurais não ficaram nem com a pulga atrás da orelha. Capital nacional da malha, a simpática Jaraguá, no norte de Santa Catarina, produz arroz em várzeas, mas não é todo esse risoto descrito na matéria que levou o título “Novo eixo exportador valoriza terras”, republicada em outros jornais como a Gazeta do Povo, de Curitiba.

A fonte citada é a consultoria Informa Economics/FNP, de São Paulo, mas não retrata o perfil dos negócios de venda terras no país, muito menos no Paraná. Evidentemente que cada área é uma

área, terra boa ou meia boca, com ou sem benfeitorias, uso intensivo ou não, plana ou quebrada, mas é possível se obter uma média bem diferente da apresentada pela consultoria à repórter do Estadão. Por aqui, nas regiões de Cascavel, Toledo e Guarapuava, por exemplo, não se acha um hectare por menos de R\$ 50 mil. “Na nossa região você não consegue comprar um hectare abaixo desse preço”, revela o corretor imobiliário Altevir Machado de Oliveira, de Cascavel, há 35 anos no mercado.

Os preços das terras agrícolas paranaenses registraram uma alta de 16% em 2013. A valorização é resultado das boas cotações da soja, segundo o economista Carlos Hugo Godinho,

do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). Do total de 20 milhões de hectares no Paraná, sete milhões são destinados ao plantio de grãos.

Outros Estados

Segundo a matéria, as terras agrícolas do Norte e do Centro-Oeste do país foram as que mais se valorizaram no último ano, influenciadas pela perspectiva de melhoria da infraestrutura, que deve tornar viável, a médio prazo, a exportação de grãos pela região Norte do Brasil. As terras agrícolas de Santarém, por exemplo, registraram valorização de 51% no ano passado, uma das maiores altas entre 133 regiões pesquisadas. Lá o preço do hectare saltou de R\$ 2.576 em janeiro para R\$ 3.900 em dezembro de 2013.

“O fundo do quintal está virando a porta da frente para o escoamento de grãos. A valorização das terras do Norte e do Centro-Oeste está antecipando a melhoria da infraestrutura que virá com a criação de novo eixo de exportação do país”, mostra a matéria. Já na região batizada de “Matopiba”, que engloba áreas para plantação de milho, soja e algodão de quatro Estados (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia), o principal fator que puxou

para cima o preço da terra foi o fato de a região ser extremamente favorável à produção de grãos. O hectare de terra em Urussuí (PI), avaliado em R\$ 8,5 mil, subiu 24% no último ano. Em Porto Afonso (TO), a alta foi de 23% em igual período”.

Falta terra

Por aqui, além da super valorização das terras, não tem gente vendendo terra para a agricultura. “As menos produtivas tiveram uma valorização de 16% no ano passado. Essa alta ocorreu justamente porque são terras que estão sendo negociadas, já que pouca gente está vendendo as áreas mecanizadas”, observa Godinho.

Terras vizinhas

Os produtores que não acham terras por aqui estão indo comprar no Mato Grosso, Maranhão, Piauí e Tocantins. “Com a falta de área por aqui e os altos preços do hectare tem muito produtor indo para outros Estados. Em Tocantins, por exemplo, ele compra 15 hectares no valor que ele pagaria por um hectare na nossa região”, explica Altevir.

A Nova Fronteira

Expansão da produção



MATOPIBA



Maranhão
Tocantins
Piauí
Bahia

	2010/11	2020/21
Área Plantada de grãos milhões de hectares	6,4	7,5
Produção de grãos milhões de toneladas	13,3	16,6

Palmas para a maçã de Palmas

Produção dos pomares do Sul do Estado se recupera, ganha preço e competitividade

Por André Amorim / Fotos: Fernando Santos



Normalmente a cidade de Palmas (região centro-Sul do Paraná) surge nos telejornais quando suas temperaturas atingem níveis muito baixos, com ocorrência de neve e chuva congelada. Mas o frio que faz o município virar notícia, também é o responsável por uma cultura que se reinventa e que vem garantindo bons resultados, a maçã.

Hoje, Palmas é o maior produtor da fruta no Estado. A produção estimada para 2014 é de 13,5 mil toneladas, uma média de 29 toneladas por hectare. “Não é uma super-safra, estamos dentro da média”, explica o presidente da Associação Paranaense de Fruticultores (Frutipar), Ivanir Leopoldo Dalanhof. Segundo ele, é

possível colher muito mais, porém existem muitos pomares novos, que ainda estão em fase de desenvolvimento. “São três anos para começar a colher; para produzir plenamente só a partir de cinco anos; depois desse tempo tem pomares que podem colher até 60 toneladas por hectare”, explica.

Atualmente Palmas produz maçãs do tipo Gala, Fuji e Eva e em menor número (cerca de 10%) outras variedades como a Fuji Suprema e a Imperatriz. A atividade movimenta intensamente a economia do município. Na época da colheita, que se estende entre janeiro e abril, é empregado um grande contingente de mão de obra temporária, cerca de três pessoas por hectare, sem contar aqueles

que vão trabalhar na seleção e no empacotamento da fruta.

Uma das dificuldades encontradas neste cenário é que a maçã precisa disputar a mão de obra sazonal com a colheita de batata, que acontece na mesma época. Como a fruta não permite escalonamento da produção, não é possível programar a colheita para mais tarde.

As maçãs “de mesa”, com bom tamanho e aparência, são destinadas a supermercados em todo Brasil, enquanto as maçãs com imperfeições seguem para fabricação de sucos em empresas de Fraiburgo e Videira, em Santa Catarina. Uma caixa de 18 quilos de frutas de boa qualidade rende ao produtor cerca de R\$ 16,00.

Atualmente existem na cidade quatro embaladoras de maçãs, a maior delas pertence à Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Paraná (Codapar) e foi alugada por empresários para fazer a classificação e armazenagem das frutas, outra pertence a uma cooperativa de produtores e as outras duas são de particulares.

Depois de devidamente limpas, selecionadas de acordo com o tamanho e encaixotadas, as maçãs são encaminhadas a câmaras frias, onde podem permanecer por meses. Para haver maçãs frescas o ano inteiro, as frutas são lacradas nestas câmaras e é aplicado um produto que elimina o oxigênio do ambiente. Com isso, a produção de etileno é interrompida e a fruta para de amadurecer. “Quando você abre essa câmara, meses depois, ela está igual a quando foi colhida”, aponta Dalanhol.

De acordo com o presidente da Frutipar, o custo do manejo dos pomares não é baixo. “É caro, varia de 15 a 18 mil por hectare”, diz. Para quem quer começar do zero, é necessário fôlego financeiro.

O investimento inicial, contando as mudas e a estrutura necessária varia entre R\$ 20 mil a R\$ 25 mil por hectare e o retorno acontece apenas quando as árvores começarem a dar frutos, o que leva de três a cinco anos.

Crise e recuperação

Hoje a produção de maçã de Palmas está em franca recuperação, depois de enfrentar sucessivas crises que levaram a erradicação de mais da metade dos pomares da região, fruto de problemas climáticos e de mercado. Endividados, muitos produtores substituíram as macieiras por soja e milho. Para se ter ideia, em 2004 havia mais de 1.000 hectares da fruta, este número foi diminuindo paulatinamente e hoje são apenas 460. Para o ano que vem, existe a perspectiva de um aumento na área plantada. “A qualidade da fruta e o mercado estão melhorando isso anima os produtores”, revela Dalanhol. Segundo ele, a crise que erradicou parte dos pomares não ocorreu apenas no Paraná, mas em todo país e foi fruto de uma produção muito alta e de uma demanda baixa, que fez o preço do produto despencar. “Agora a produção diminuiu e o mercado aumentou”, explica.

Dentre as estratégias para popularizar a maçã paranaense está a criação de um selo da Frutipar que identifica a fruta produzida no Estado. Além disso, a associação conta com apoio da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab) para divulgar a fruta em grandes centros consumidores.



Manejo preventivo

Dentre os maiores inimigos da maçã estão os fungos como a sarna da macieira e a mancha necrótica da gala. Também a mosca da fruta, a grafolita (mariposa) e a lagarta enroladeira causam problemas aos produtores, mas nada que não possa ser equacionado sem excessos. Segundo Dalanhol, quando o assunto é pragas, a aplicação de defensivos agrícolas só acontece quando existe perigo iminente de dano econômico. Este risco é avaliado através do monitoramento constante nos pomares. Quando o problema são fungos, é feito um tratamento preventivo para evitar a aparição de doenças. “Tem ano que se usa muito pouco defensivo”, atesta.

Quem caminha pelos pomares de Palmas encontra de tempos em tempos algo semelhante a uma casa de passarinho. Trata-se de “armadilhas” que medem a incidência de pragas e outros que liberam no ar feromônios que tem como objetivo confundir os insetos machos simulando o odor das fêmeas.

Também é comum encontrar caixas com colmeias de abelhas próximas às colunas de macieiras, que fazem a polinização das plantas. “Esse é outro fator que mostra que usamos pouco defensivo. Onde tem muito veneno a abelha não aparece”, observa o dirigente da Frutipar.



Parceria e tecnologia

Recentemente uma parceria entre a Frutipar e o Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar) possibilitou a instalação de estações de aviso fitossanitário. Trata-se de um conjunto de equipamentos meteorológicos que monitoram o clima da região, gerando informações estratégicas para os fruticultores da região, que podem acessar estes dados diretamente no celular ou em um computador.



Geller assume o Ministério da Agricultura

Neri Geller é produtor rural no Mato Grosso e tem experiência política.



Foi em meio à crise entre o palácio do Planalto e seu principal partido aliado, o PMDB, que a presidente Dilma Rousseff escolheu no último dia 13 o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Neri Geller, para assumir o comando da pasta.

Geller assume no lugar do peemedebista Antônio Andrade em um momento em que o governo tentava costurar uma reforma no recheado ministério com 39 nomes, capaz de agradar aos partidos aliados neste ano eleitoral.

Apesar de não possuir o status de ministro, era Geller que tocava o barco da agropecuária nacional em Brasília. Produtor rural em Lucas do Rio Verde, no Mato Grosso, ele possui experiência política. Foi vereador por duas vezes pelo PSDB e deputado federal pelo PP e se filiou ao PMDB em outubro do ano passado.

Essa bagagem ficou demonstrada no último dia 12, quando, após ser indicado pela presidente Dilma, atravessou a rua e foi encontrar-se com o presidente da Câmara, Henrique Alves (PMDB-RN) e com o líder do PMDB na Casa, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Naquele momento, Geller sabia que sua indicação fazia parte da “água na fervura” da crise entre PMDB e o governo.

O novo ministro conhece os problemas da agricultura. Embora, teoricamente, seu mandato seja de apenas oito meses e meio, os produtores esperam uma atuação mais efetiva do ministério. Caberá a ele, por exemplo, levar a cabo o Plano Agrícola

e Pecuário 2014/15, que irá nortear as políticas para o apoio e o desenvolvimento da atividade agropecuária em todo país.

Em fevereiro foi apresentado ao futuro ministro as “Propostas para o Plano Agropecuário e Plano Safra 2014/2015”, documento com sugestões dos produtores rurais, sindicatos, cooperativas e entidades do setor agropecuário, coordenada pela FAEP, Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar) e Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab).

Momento de expansão

Geller assume num momento em que o país se prepara para uma safra de grãos 0,7% superior à do ano passado, chegando a 188,7 milhões de toneladas. Segundo o 6º Levantamento de Grãos da Safra 2013/2014, divulgado no último dia 12, pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção de soja continua sendo a campeã, com crescimento de 4,8% na produção, que representa 3,9 milhões de toneladas a mais e 7,4% a mais na área plantada.

O feijão primeira safra também teve elevação na produção de 35,7%, passando de 964,6 mil para 1,3 milhão de toneladas, enquanto o milho apontou redução na primeira e segunda safras de 9,1% (3,2 milhões de toneladas) e de 6,8% (3,1 milhões de toneladas), respectivamente.

O BERÇO ESPLÊNDIDO

O Paraná “começou” há 469 anos, em Guaraqueçaba



Seu nome é um vocábulo tupi que significa “lugar de dormir dos guarás”- agwa’rá (“guará”), ker (“dormir”) e aba (“lugar”). No mapa do Paraná, Guaraqueçaba é aquele ponto no extremo leste do mapa e ocupa uma região de rara beleza do litoral paranaense, sendo ladeada pelas baías de Paranaguá e Laranjeiras e pela elevação da Serra do Mar. Guaraqueçaba é o berço do nosso Estado, e que berço!

O descobrimento do Brasil completava apenas 45 anos e os primitivos habitantes da região - os índios Tupiniquins e Carijós - já recebiam a visita dos primeiros colonizadores portugueses. Para se ter uma ideia, São Vicente (SP) foi a primeira cidade fundada pelos portugueses no Brasil em 22 de janeiro de 1532, por Martim Afonso de Sousa, logo, 13 anos depois, Guaraqueçaba era “descoberta”.

Quase um século depois, entre 1638/1646, Gabriel de Lara, o fundador da capitania de Paranaguá, descobriu ouro nas encostas da Serra Negra, trecho da Serra do Mar. Atrás dele e do metal surgiram garimpeiros e aventureiros para explorar nos rios o chamado ouro de lavagem. Nessa leva, os portugueses, principalmente dos

Açores, iniciaram o processo de colonização e juntamente com os bandeirantes paulistas começaram a perseguir e escravizar os índios.

Na cola deles os jesuítas chegaram para catequizar, salvar a alma de Tupiniquins e Carijós e fundaram em Superagui um estabelecimento agrícola e religioso, no primeiro aglomerado humano da região e do Paraná. Os frades foram expulsos da região, tornando a área praticamente abandonada até a chegada de novos imigrantes vindos da Suíça, em 1852, que introduziram lavouras de café, arroz e banana.

Sua localização geográfica e o fato da ligação por terra ocorrer por 74 quilômetros da PR-405 (desde Antonina), sem asfalto, ajudaram a manter suas belezas praticamente intactas e restringiram o desenvolvimento de Guaraqueçaba. Seus oito mil habitantes sonham com a pavimentação da precária estrada, algo que se somaria ao acesso à cidade em barcos tomados em Paranaguá. Essa rodovia aceleraria a atração aos entornos do município, que formam um verdadeiro paraíso do turismo ecológico, pela preservação de seu meio ambiente e as características físicas da região.



Pedaços do paraíso

O principal deles é o Parque Nacional do Superagui, criado em 1989 e ampliado em 1997, passando a ter 33.988,00 hectares. Foi considerado pela ONU como um dos ecossistemas costeiros mais importantes do mundo, por ser habitat de espécies ameaçadas de extinção e única casa do mico-leão-de-cara-preta. É uma região importante sob o ponto de vista de sustentação alimentar, mantida pelas restingas e manguezais. É um dos trechos intocados da Mata Atlântica e de grandes riquezas naturais.



Reserva Natural Salto Morato

Localizada a 20 km da sede do município pela PR-405, a Reserva faz parte da Mata Atlântica e pertence à Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. Possui Centro de Visitantes, espaço para cursos, aquário natural, centro de pesquisas, loja de souvenirs, trilhas, painéis informativos e sinalização. A mata é rica em fauna e flora, e lá se encontra o Salto Morato, uma queda livre de aproximadamente 80 metros, atingida através de um caminho rústico margeando o rio, por entre exuberante vegetação.

Igreja do Nosso Senhor Bom Jesus dos Perdões

Foi construída em 1838 em estilo colonial, com grossas paredes de pedra, sendo a primeira construção de Guaraqueçaba. Em seu interior destaca-se o altar em forma de embarcação cuja base é um peixe esculpido em madeira, uma homenagem aos pescadores da região.



Ilhas

Diversas ilhas fazem parte do município, entre elas a das Peças, Rasa, das Laranjeiras, do Rebelo, Povoca e do Superagui, esta reclama o direito histórico de ser o local onde chegaram pela primeira vez no Paraná os portugueses em 1545. É tombada desde 1985 para preservar os seus aspectos históricos e paisagísticos.

Os europeus no Superagui

Em 1852 foi publicado na Europa um panfleto intitulado “Le Brésil en 1852 et sa colonisation future” (O Brasil em 1852 e a futura colonização), de autoria do imigrante Jean-Louis Moré, que teria vindo ao Brasil 10 anos antes. O texto falava de Superagui e atraiu a atenção do cônsul suíço em São Paulo, Charles Perret-Gentil, que comprou 35 hectares e fundou a Colônia do Superagui. Treze famílias europeias, vindas da Suíça, França, Itália e Dinamarca, foram as primeiras a chegar. A colônia prosperou com a plantação de café e com a pesca. Chegou a ter 150 casas em 1879. O pintor suíço William Michaud, que ali viveu, retratou em suas aquarelas as paisagens da região. Na Estação Ecológica administrada pelo IBAMA há pinturas do suíço Michaud, que viveu no Superagui entre 1852-1902. Outras estão no Museu de Vevey, na Suíça.

Com a dispersão dos descendentes dos primeiros colonos, o censo de 1920 registrou apenas 125 moradores. Ainda há olhos azuis na região, descendentes dessa leva de imigrantes.

A estratégia certa

“O Paraná adotou a melhor estratégia que se tem na literatura para enfrentar a *Helicoverpa armígera*” avalia o pesquisador da Embrapa Soja, Adeney de Freitas Bueno

Por Katia Santos



Na safra 2012/2013, os produtores baianos registraram os primeiros ataques da lagarta *Helicoverpa armígera* nas lavouras brasileiras de algodão, soja e milho e contabilizaram prejuízos de mais de R\$ 1,4 bilhão. Como parte da solução a esses produtores, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) declarou, por meio de portaria, emergência fitossanitária no país. Além disso, autorizou a importação e o registro da substância Benzoato de Emamectina.

A estratégia da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab) para enfrentar o problema foi outra: o monitoramento das lavouras. Na safra 2013/14 a secretaria não registrou nenhum ataque

dessa lagarta.

O trabalho foi feito em conjunto por meio de um Comitê Gestor envolvendo técnicos das unidades regionais da Seab, Emater-Paraná, Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) e produtores rurais. Também integram o comitê: o Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Sistema FAEP, Codetec, Ocepar, Fundação ABC e Fundação Meridional de Apoio a Pesquisa Agropecuária.

“Fizemos um grande acordo, um pouco antes da coqueluche da *Helicoverpa armígera* no sentido de conduzir a agricultura paranaense, que é reconhecidamente forte e competitiva, para um caminho mais sustentável e racional. O trabalho foi o de

orientar o produtor a voltar a adotar boas práticas de controle de pragas e doenças que foram deixadas de lado”, explica o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara.

O Paraná foi o único Estado a adotar essa postura diferenciada no combate a *Helicoverpa armígera*. “A FAEP apoiou essa estratégia por entender que o produtor rural não pode ser ‘uma presa fácil’ para o vendedor de agroquímicos, é preciso ter uma boa orientação técnica para usar o controle químico”, afirmou o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

O pesquisador da unidade da Embrapa Soja, em Londrina, Adeney de Freitas Bueno, considera que a estratégia de combate a *Helicoverpa armígera* adotada pelo Paraná “é a melhor que se tem na literatura. A recomendação oficial do Paraná, para controle da H. armígera serve como exemplo de sucesso e deve ser usado em toda área produtora de soja do país”, avalia.

Atitude inteligente

Para o combate da *Helicoverpa armígera* a estratégia adotada foi a implantação de unidades de monitoramento em propriedades rurais, uma das ações da Campanha Plante seu Futuro. Em todo Paraná foram instaladas 200 unidades didáticas, onde 67 foram acompanhadas rigorosamente por técnicos da Embrapa e Adapar. Nessas unidades os produtores iniciavam o monitoramento da lavoura com a contagem de lagartas e percevejos com o uso do pano de batida.

Os resultados positivos obtidos nessas unidades mostra-

ram a redução significativa da aplicação de agrotóxico nas lavouras de soja da safra 2013/2014. O que prova o benefício de o Paraná continuar a investir em ações de Manejo Integrado de Pragas (MIP) e Manejo Integrado de Doenças (MID).

Ao observar os resultados das ações integradas no manejo de pragas e de doenças, percebe-se que a diferença de custos conseguida com a economia de aplicações de inseticidas e fungicidas foi significativa, “no total, se fosse estendido a toda a área produtiva do Paraná a economia seria de R\$ 2 bilhões”, comenta Ortigara.

“Com o monitoramento podíamos acompanhar a presença da lagarta ou da ferrugem evitando a aplicação desnecessária de agrotóxicos nas lavouras. O produtor sempre pode optar pelo controle químico, mas pudemos reduzir o número de aplicações de químicos no Estado contribuindo também para o equilíbrio do meio ambiente”, completa Ortigara.

A adoção do monitoramento das lavouras, além de retomar uma postura assertiva dos produtores também trouxe redução de custos nas lavouras. De acordo com a Seab a redução de custos para o produtor foi de R\$ 500,00 por hectare, sendo R\$ 350,00 com agroquímicos voltados para a *Helicoverpa armígera* e R\$ 150,00 com fungicidas voltados ao combate da ferrugem asiática.

“Para o produtor isso representa o lucro da venda de oito sacas de soja por hectare”. Além dessa economia financeira devemos contabilizar os ganhos para o meio ambiente, pois o produto químico não destrói apenas a praga, mas também outros insetos que são benéficos à cultura”, explica o secretário.



O Manejo Integrado

As amostras coletadas nas 67 propriedades foram encaminhadas ao laboratório para análise não embasa uma publicação científica envolvendo a Embrapa e a Adapar. A divulgação do relatório será feita ainda no primeiro semestre desse ano, mas o engenheiro-agrônomo e diretor de Defesa Agropecuária da Adapar, Adriano Luiz Riesemberg avalia: “Primeiro que o Manejo Integrado de Pragas (MIP), que funciona para outras pragas serve também para a *Helicoverpa armígera* e que a aplicação de agrotóxicos por precaução é um erro técnico tanto para lavoura como para o produtor”.

Além do pano de batida os produtores também receberam um equipamento de captura dos esporos da ferrugem da soja. Outra opção que o produtor tinha, em caso de ferrugem ou outro tipo de lagarta, é o controle biológico de pragas.

Redução de custos

O secretário faz questão de ressaltar que a mobilização dos produtores e instituições é permanente e faz parte do Programa Plante Seu Futuro. “Vamos iniciar em março uma nova fase do programa voltada a boas práticas de aplicação de agrotóxicos, manejo de formiga e plantio direto de qualidade.

Para garantir a continuidade do trabalho de monitoramento a Adapar publicou a portaria nº 384, em 12/12/2013, que estabelece os procedimentos para a Diretoria de Defesa Agropecuária operar o sistema de informações. “As pragas agrícolas podem afetar de forma negativa a economia paranaense. Com essa portaria teremos um mecanismo rápido de diagnóstico da situação das lavouras; o potencial de danos que elas podem causar dando assim um retorno ao produtor rural com mais agilidade”, finalizou Ortigara.

O pano de batida

A rotina do monitoramento das lavouras é bem simples: semanalmente os equipamentos, fornecidos pela FAEP, eram entregues pelos técnicos aos produtores - panos de batidas e iscas de captura de controle da ferrugem. O produtor escolhia um local diferente da lavoura e fazia a coleta dos dados todas as semanas. Essa coleta era acompanhada pelos técnicos que analisavam na hora o número de insetos.

O produtor rural estendia o pano de batida que tem a medida de 1 x 1 metro na entrelinha da soja. Depois “chacoalhava” as plantas e observava quantos e quais insetos caíram, para estimar a quantidade e identificar espécies.



Lavouras de soja monitoradas seguem sem necessidade de aplicação de agrotóxicos



Plante Seu Futuro

A rapidez e a agilidade na adoção de um sistema de monitoramento da lagarta *Helicoverpa* no Paraná conforme matéria anterior foram os diferenciais que permitiram ao Estado se destacar no controle da praga que causou prejuízos a outros estados brasileiros. Este foi um dos exemplos apresentados num encontro na sede da Emater, em Curitiba, no último dia 10, como resultado da campanha “Plante seu Futuro” - conjunto de ações para fortalecer as boas práticas no campo a favor de uma agricultura mais sustentável.

A estratégia das ações permite obter resultados positivos com investimentos de baixo custo, conforme explicou o engenheiro-agrônomo da Emater, Nelson Harger. “É o estímulo ao uso do pano de batida, aplicações preventivas, aplicação dentro dos critérios técnicos preconizados pelo MIP/MID e uso de produtos seletivos. Além é claro dos agentes de uso biológico”, diz ele.

O engenheiro-agrônomo Celso Daniel Seratto lembrou que os benefícios das ações do Plante Seu Futuro são bem mais amplos

do que os resultados financeiros com aumento de produtividade ou rentabilidade.

“Ainda não mesuramos os resultados ambientais obtidos com as ações que é um ganho não só para o produtor rural, mas para toda a sociedade. Assim como os ganhos para a saúde humana”, lembra Seratto.

Desde seu lançamento em novembro de 2013, o Plante Seu Futuro realizou 10 seminários técnicos regionais com a participação de 960 profissionais. Foram 14 seminários com temas relacionados a conservação de solos. As 200 unidades didáticas instaladas envolveram 12,4 mil produtores rurais.

Para a safra 2014/15 a Campanha será ampliada para cobrir quatro sistemas: práticas de MIP e MID nos sistemas de soja, milho, feijão e milho, controle de formigas cortadeiras e conservação de solos e água.

- Fazem parte do Comitê Gestor: Faep, Senar, Fetaep, Ocepar, Itaipu Binacional, Embrapa, Emater, Ocepar e Iapar.



Atuação do SENAR-PR

O superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto explicou o processo que envolveu 167 cursos e quase 2 mil pessoas treinadas.

Malucelli também colocou a preocupação de que o programa avance aproveitando o fortalecimento das parcerias. “Temos que trabalhar de forma racionalizada para gastar recursos com ações que produzam resultados eficazes”.

Software para controle do uso de agrotóxicos

Índice	Amostra	N. Gotas(n°)	N. Diâmetros(n°)	Dispersão	Volumel./ha)	Densidade(Gotas/cm²)	Cobertura(%)	D10% (µm)	D50% (µm)	D90% (µm)
1	p1v2 2.bmp	159	77	0,733	14,369	39,692	3,473	146,906	302,41	368,432
2	p1v2 3.bmp	68	58	0,761	17,376	16,975	3,675	205,57	309,173	441,919
3	p1v3 1.bmp	140	105	0,727	25,1	34,949	5,731	192,626	286,267	400,722
4	p1v3 2.bmp	126	89	0,566	16,322	31,454	4,044	179,182	261,982	327,518
5	p1v3 3.bmp	112	71	0,495	19,663	27,959	4,49	232,91	268,389	365,816
6	p1v4 1.bmp	175	107	0,667	29,978	43,686	6,534	209,979	315,251	420,22
7	p1v4 2.bmp	317	300	1,083	33,61	79,134	7,641	156,242	306,229	487,915
8	p1v4 3.bmp	333	327	0,794	45,812	83,128	10,025	161,685	339,539	431,261
9	p2v1 1.bmp	226	50	0,615	6,472	36,417	2,432	106,642	136,119	191,54
10	p2v1 2.bmp	252	54	0,702	6,776	62,908	2,508	100,517	142,903	200,782
11	p2v1 3.bmp	298	58	0,36	7,954	74,291	2,99	103,637	143,037	183,696
12	p2v2 1.bmp	418	76	0,739	15,195	104,347	5,276	117,718	150,589	229,051

Qual a quantidade de agrotóxicos que deve ser aplicado nas lavouras? Tema repetido entre os produtores e pesquisadores, uma das respostas pode ser obtida através de um trabalho realizado pela Embrapa Meio Ambiente (Jaguariúna – SP) e a Embrapa Informática Agropecuária (Campinas –SP). As instituições desenvolveram o software “Gotas” para ajudar os agricultores na hora de dimensionar a quantidade a ser aplicada de defensivos agrícolas. O programa funciona através de imagens digitalizadas de gotas que são obtidas pela distribuição de cartõezinhos nos locais onde será feita a pulverização. Esses cartões são produzidos na Suíça, mas estão comercialmente disponíveis no mercado brasileiro, em cooperativas agrícolas.

Por exemplo, numa área de cinco hectares de soja, os cartõezinhos com pigmentação amarela e sensíveis à água serão

distribuídos numa faixa de 42 metros de largura e 50 metros de comprimento, nos pontos onde estão as pragas - que podem estar em cima, embaixo ou nos pontos intermediários das plantações. Depois disso, o agricultor realiza uma pulverização apenas com água nesses pontos onde foram colocados os cartõezinhos. Segundo o pesquisador Aldemir Chaim, da Embrapa Meio Ambiente, quando as gotas de água atingem a superfície amarela dos cartõezinhos, produzem manchas azuis que apresentam um bom contraste com o fundo amarelo e podem ser facilmente visualizadas.

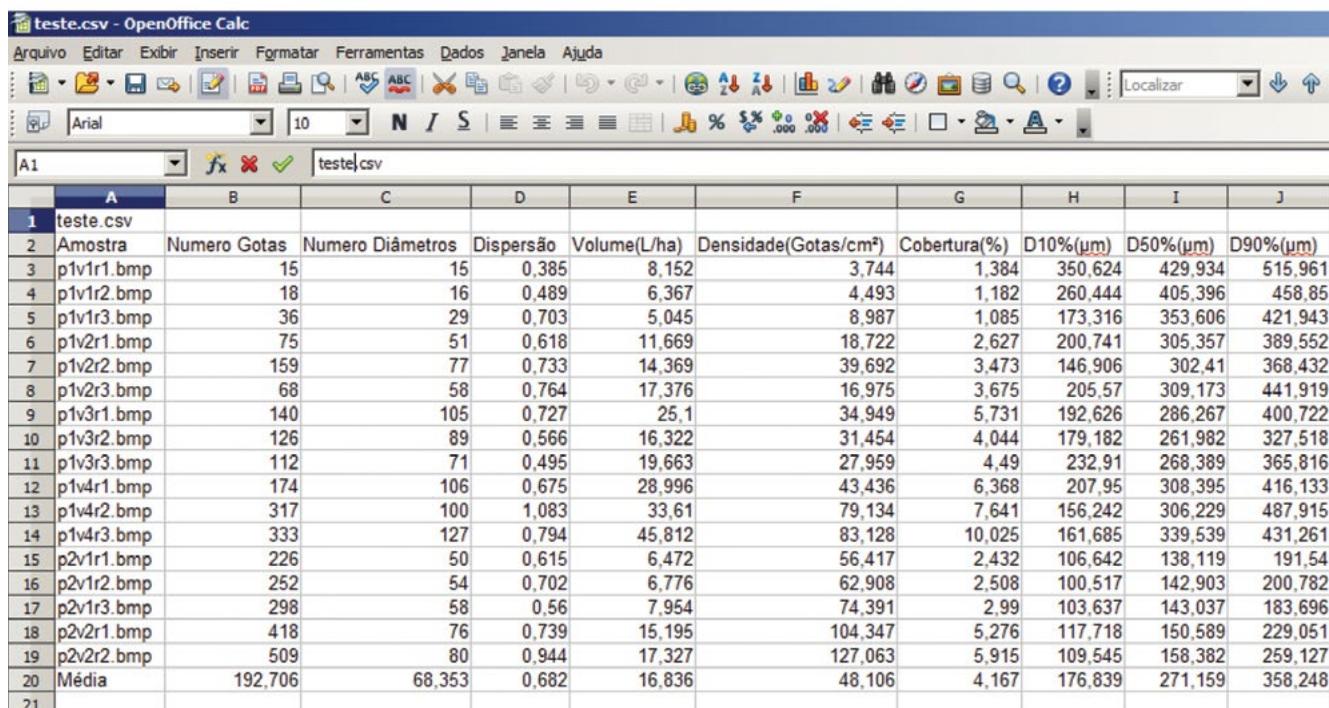
Assim, o programa reconhece o tamanho e a densidade de gotas depositadas. Dessa forma, o produtor pode decidir sobre os melhores parâmetros de aplicação, como combinar bicos de pulverização, consumo de calda (água e produto) e a velocidade da aplicação. “Ao calibrar a deposição de gotas de pulverização

de produtos químicos ou biológicos nas culturas, o produtor evita desperdícios e danos ao utilizar os defensivos”, explica.

Depois de jogar a água para a pulverização, os cartõezinhos devem ser retirados das plantas e protegidos com uma fita adesiva transparente (preferencialmente da largura do cartão). “Assim evita-se a formação de bolhas de ar durante a utilização da fita adesiva. Algumas fitas adesivas são alcalinas e podem provocar a perda do cartão, portanto é necessário um teste prévio com a fita, para verificar se não ocorre alteração na coloração da área sensível”, observa Chaim.

A próxima etapa é escanear os cartõezinhos para que as imagens possam ser processadas e analisadas pelo software.

O programa “Gotas” é gratuito e está disponível na Rede Agrolivre <https://repositorio.agrolivre.gov.br/projects/gotas> e no site www.cnpma.embrapa.br, onde há um manual com todas as informações para instalar o software.



	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	teste.csv									
2	Amostra	Numero Gotas	Numero Diâmetros	Dispersão	Volume(L/ha)	Densidade(Gotas/cm²)	Cobertura(%)	D10%(µm)	D50%(µm)	D90%(µm)
3	p1v1r1.bmp	15	15	0,385	8,152	3,744	1,384	350,624	429,934	515,961
4	p1v1r2.bmp	18	16	0,489	6,367	4,493	1,182	260,444	405,396	458,85
5	p1v1r3.bmp	36	29	0,703	5,045	8,987	1,085	173,316	353,606	421,943
6	p1v2r1.bmp	75	51	0,618	11,669	18,722	2,627	200,741	305,357	389,552
7	p1v2r2.bmp	159	77	0,733	14,369	39,692	3,473	146,906	302,41	368,432
8	p1v2r3.bmp	68	58	0,764	17,376	16,975	3,675	205,57	309,173	441,919
9	p1v3r1.bmp	140	105	0,727	25,1	34,949	5,731	192,626	286,267	400,722
10	p1v3r2.bmp	126	89	0,566	16,322	31,454	4,044	179,182	261,982	327,518
11	p1v3r3.bmp	112	71	0,495	19,663	27,959	4,49	232,91	268,389	365,816
12	p1v4r1.bmp	174	106	0,675	28,996	43,436	6,368	207,95	308,395	416,133
13	p1v4r2.bmp	317	100	1,083	33,61	79,134	7,641	156,242	306,229	487,915
14	p1v4r3.bmp	333	127	0,794	45,812	83,128	10,025	161,685	339,539	431,261
15	p2v1r1.bmp	226	50	0,615	6,472	56,417	2,432	106,642	138,119	191,54
16	p2v1r2.bmp	252	54	0,702	6,776	62,908	2,508	100,517	142,903	200,782
17	p2v1r3.bmp	298	58	0,56	7,954	74,391	2,99	103,637	143,037	183,696
18	p2v2r1.bmp	418	76	0,739	15,195	104,347	5,276	117,718	150,589	229,051
19	p2v2r2.bmp	509	80	0,944	17,327	127,063	5,915	109,545	158,382	259,127
20	Média	192,706	68,353	0,682	16,836	48,106	4,167	176,839	271,159	358,248
21										

Acerto o Alvo

Para orientar o produtor, o governo estadual anunciou, no ano passado, um pacote de medidas para expandir o Programa Estadual de Melhoria da Qualidade das Aplicações e Combate das Derivas de Agrotóxicos – “Acerte o Alvo” - uma iniciativa entre instituições públicas e privadas, associações e gestores de microbacias. O objetivo é capacitar 24 mil produtores e aplicadores de agrotóxicos e 2.400 profissionais ligados à

assistência técnica e extensão rural, até 2018.

Desde 2011 um grupo de instituições públicas e privadas – SENAR-PR, Emater, Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Paraná (CREA-PR) e Federação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná (Feap) - trabalham juntas para negociar e elaborar propostas em relação à aplicação correta de agrotóxicos. Ao longo do ano passado, o SENAR-PR capacitou 9.814 técnicos pelo programa.

Homeopatia na agropecuária

Tratamento alternativo, utilizado em seres humanos alcança bons resultados na agricultura e na pecuária. Brasil lidera as pesquisas neste campo.



Há quem não acredite, mas cientistas, técnicos e produtores são cada vez mais enfáticos ao atestar os benefícios da homeopatia no combate a diversos males, tanto em animais, quanto em plantas. Segundo a médica-veterinária da Emater de Corbélia (região de Cascavel), Vanessa Ficagna, o uso de tratamentos homeopáticos na agropecuária não é novidade, existe há mais de 50 anos “embora existam relatos deste tipo de aplicação da época de 1890”, diz a profissional, que esteve presente no Show Rural Coopavel (realizado no início de fevereiro), em um estande semelhante a uma bucólica farmácia do interior, levando aos visitantes mais informações sobre esta alternativa.

Segundo ela, há 10 anos a Emater apoia o uso da homeopatia agropecuária na região Oeste do Estado. Os resultados são positivos, embora difíceis de serem quantificados, uma vez que se trabalha com cada animal individualmente. No caso do gado de leite, existem diversos exemplos de melhora de quadros de mastite

e papilomatose (verruga). “Está sendo bem aceito, muitas vezes o produtor procura a gente depois que já tentou o medicamento convencional e não deu certo”, diz.

Foi o caso da produtora Maria das Dores Oliveira, da cidade de Corbélia, que trabalha com gado leiteiro. Ela descobriu a homeopatia depois de tentar - sem resultado - medicamentos alopáticos para um problema grave de papilomatose em três de suas 26 vacas. “Nós já estávamos desesperados, íamos perder uma vaca muito boa”, recorda a produtora, referindo-se à doença que enche de verrugas os úberes dos animais, dificultando a ordenha e tornando o processo mais doloroso. Em estágios mais avançados as verrugas provocam sangramento, contaminando o leite e aumentando o risco de contágio.

O contato com a tecnologia homeopática se deu através de um curso da Emater feito pelo marido. Maria das Dores não estava familiarizada nem com a homeopatia utilizada em seres humanos.

“Foi uma surpresa, ajudou muito, se não tivesse achado o remédio, tinha perdido a vaca”, recorda.

Além da papilomatose, existem iniciativas bem sucedidas no controle de mastites, carrapatos, berne, mosca do chifre e outras enfermidades que atingem o gado de leite. Além de não ter efeitos colaterais, o tratamento homeopático não pesa no bolso. “O preço é bem acessível, esse da verruga saiu quinze reais e dura bastante, são só algumas gotinhas por dia”, afirma a produtora.

Os tratamentos homeopáticos são feitos a partir da diluição de extratos. “É uma diluição centesimal, chamada diluição hanemoniana”, explica Ficagna, referindo-se à técnica desenvolvida por Samuel Hahnemann, pai da homeopatia. Desta forma, o custo destes medicamentos é pequeno. Para adquiri-los, é possível recorrer a laboratórios homeopáticos, farmácias especializadas, ou utilizar a própria doença para produzir o remédio, princípio conhecido como isoterapia. “Usamos o leite da mastite para fazer o remédio contra a mastite”, ensina.

Lavoura equilibrada

Não é apenas nos animais que a homeopatia vem sendo aplicada para combater doenças, segundo o professor Carlos Bonato, do departamento de Biologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). “Hoje a homeopatia é utilizada em todos os segmentos da agricultura”.

A lógica é a mesma usada no tratamento de animais: equilibrar a energia da planta. “Quanto mais equilibrada, mais produz”, avalia Bonato. Segundo ele, o uso da homeopatia na agricultura vem sendo aplicado no Paraná desde 2001, em praticamente todas as culturas. “Controle de pragas, de doenças, aumento no crescimento e na produtividade”, explica o professor, que ministra uma cadeira na UEM chamada “Homeopatia em

plantas”. Ele alerta que esta tecnologia não deve ser confundida com outras técnicas alternativas como a fitoterapia. “O uso massivo de fitoterápicos contamina, a homeopatia não tem impacto algum”, afirma.

Outro benefício é o custo. Assim como o tratamento aplicado nas vacas de leite de Corbélia, o preço das aplicações homeopáticas nas culturas vegetais é atrativo. “Hoje a produtividade das lavouras é alta, mas o custo também é alto, assim como o impacto ambiental. A homeopatia tem baixo custo e nenhum impacto”, diz o especialista.

Segundo Bonato, diferente dos tratamentos utilizados em seres humanos, que varia de indivíduo para indivíduo, a homeopatia utilizada na agricultura trabalha com genes epidêmicos, coletando sintomas gerais e utilizando medicamentos gerais, atuando sobre condições específicas de cada praga ou doença.

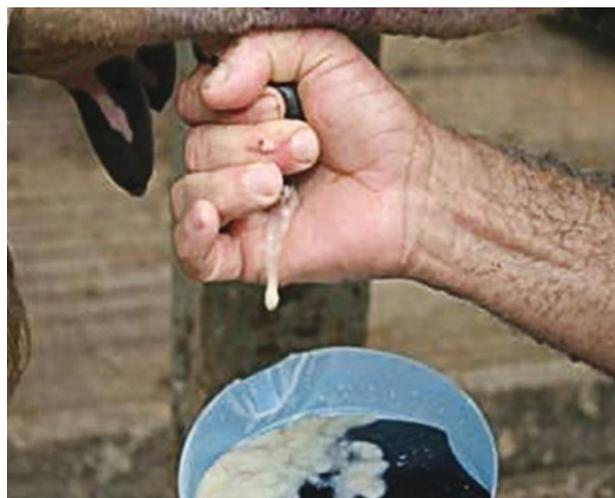
Liderança brasileira

O uso da homeopatia na agricultura é regulamentado no Brasil através da instrução normativa nº 07 publicada no Diário Oficial de 19 de maio de 1999, que também regula o cultivo de orgânicos. De acordo com Bonato, o país detém hoje uma posição de destaque nesta área. Ele conta que em setembro de 2013, foi realizada em Maringá uma Conferência Internacional de Homeopatia na Agricultura, que reuniu mais de 200 participantes de todo o mundo e onde foram apresentados 60 trabalhos nas mais diversas áreas. “Hoje o Brasil é o país que lidera nesta tecnologia”, afirma o professor.

Segundo ele, a aceitação por parte dos produtores também é surpreendente. Ele é convidado para dar palestras sobre esse tema toda semana. “A procura é muito grande, estou tendo que recusar alguns convites, o interesse é surpreendente”, diz.



Os produtos homeopáticos tem baixo custo para os produtores



Também a Mastite pode ser tratada com o uso da homeopatia

Sem levantar âncoras

Antaq revoga consultas e audiências empacando arrendamentos em Paranaguá



A Agência Nacional de Transportes Aquáticos (Antaq) revogou consultas e audiências realizadas em outubro do ano passado para os novos arrendamentos do Porto de Paranaguá. A decisão tomada no último dia 7 de março seguiu a recomendação do Tribunal de Contas da União (TCU) que questionou os critérios técnicos e de demanda que tinham sido utilizados para a definição das áreas a serem licitadas. A decisão também vale para os Portos de São Sebastião (SP), Salvador e Aratu (BA). O plano apresentado pela Secretaria de Portos em outubro do ano passado recebeu pelo menos 400 questionamentos feitos pelas entidades ligadas ao Sindicato dos Operadores Portuários do Paraná. O bloco 2, que engloba os demais portos que tiveram as audiências suspensas, recebeu mais de 1,8 mil sugestões de alterações nos projetos, segundo a agência.

O plano proposto pelo governo federal no ano passado desagradou a comunidade de operadores portuários. A concentração de novos arrendamentos em grandes áreas foi alvo de críticas, principalmente, das cooperativas do Estado, que perderiam espaço no porto para grandes traders portuários mundiais.

Na oportunidade, um grupo de trabalho, elaborou uma contraproposta para enviar à Antaq e à SEP para que o projeto fosse repensado, a fim de ficar mais próximo do que havia sido planejado no Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto Organizado (PDZPO), por sinal exigência do governo federal.

Esse Plano foi ignorado, mesmo tendo sido aprovado

por todos os usuários do porto, por decisão da então ministra Gleisi Hoffmann, que coordenava as licitações para arrendamento dos portos brasileiros. Surgiu um projeto feito pela Empresa Brasileira de Projetos (EBP) para o porto paranaense, em 21 de outubro passado, duramente criticado.

O resultado prático da intervenção de quem não domina o setor portuário, foi a decisão da Antaq, que não consegue levantar a âncora que prende a modernização dos portos do país, principalmente de Paranaguá.

Posição da FAEP

Em nota assinada pelo presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), Ágide Meneguette, a entidade expôs sua posição nesse episódio.

“Para a FAEP, a melhor solução agora, diante da suspensão do processo de concessão, é aquela que não apenas nós, mas todo o sistema portuário paranaense apontou insistentemente, mas foi solenemente ignorado pelo governo federal: basta utilizar o Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto Organizado de Paranaguá (PDZPO). O plano destrava rapidamente o processo de modernização do terminal portuário do nosso Estado. A Antaq têm em seus arquivos, basta desengavetá-lo”.

Via Rápida

Recebi hoje o Boletim Informativo de número 1248, qual não foi minha surpresa e alegria ter também recebido o Almanaque Via Rápida. Parabéns, ideia sensacional, muito interessante. Foi assim um presentão que ficará guardado na minha coleção.

Muito Obrigado. Um abraço

Zigundo Czajkowski - Zig - Curitiba-PR

Via Rápida 2

Parabenizo pela iniciativa da publicação do almanaque Via Rápida. Muito divertido e instrutivo.

Régines Gassner - Antônio Olinto - PR

Pró-Paraná

Agradecemos a remessa dos Boletins Informativos da FAEP contendo amplo noticiário e as atividades desenvolvidas por essa entidade. Ressaltamos o objetivo de tornar o Paraná um exemplo de sanidade agropecuária, posicionado pela sua presidência no 3º Encontro Nacional de Defesa Sanitária, em Foz do Iguaçu. Chamou-nos a atenção as magníficas matérias “Questão de Palmas/Missões” e “160 Anos de Emancipação”, que divulgam e realçam positivamente aspectos da História do Paraná, além da criativa seção “Via Rápida” e os temas bem humorados da última página de cada edição.

Jonel Chede - presidente

Des. Luis Renato Pedroso - vice-presidente de Ass. Cívicos/Culturais

Movimento Pró-Paraná - Curitiba - PR

Tabaco

Seab-Pr + indústria + produtores

O programa incentiva o cultivo de grãos após a colheita do tabaco

No último dia 12, a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab) assinou convênio com as indústrias e produtores de tabaco para incentivar o plantio de milho e feijão no Paraná, logo após a colheita do tabaco. Um dos objetivos do programa é incrementar a renda dos agricultores, que terão outros benefícios como assistência técnica, capacitação e o acesso a práticas de conservação de solos.

O protocolo de intenções que estabelece essa parceria foi assinado terça-feira (11/03) pelo secretário da Agricultura e do Abastecimento, Norberto Ortigara, pelo diretor presidente da Emater-PR, Rubens Ernesto Niederheitmann, pelo presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), Iro Schünke, pelo presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Marcílio Laurindo Drescher.

O diretor da Federação da Agricultura do

Estado do Paraná (Faep), Livaldo Gemin, o diretor presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep), Ademir Mueller e dirigentes da Souza Cruz também participaram do evento.

Produção de tabaco no Paraná (safra 2012/13)

- 155 municípios produtores | • 31 mil produtores
- 124 mil pessoas no meio rural | • 60 mil hectares plantados
- 142 mil toneladas de tabaco produzidas
- R\$ 1 bilhão de receita aos produtores
- US\$ 14,6 milhões em exportações em 2013

Fontes: Afubra, MDIC/SECEX e PriceWaterhouseCoopers.



FAEP pede agilidade no Proagro



O presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou no último dia 12, ofício ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério da Fazenda (MF) e ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), pedindo agilidade nos processos de análise e julgamentos dos casos de indeferimento de Proagro.

Devido a sucessivas mudanças na Comissão Especial de Recursos do Proagro (CER), como a redução de funcionários da coordenação, está ocorrendo atraso nas análises dos processos, prejudicando os produtores paranaenses. “Cremos que em consequência da falta de pessoal, as reuniões da 5ª turma de julgamento agendadas para os dias 24 e 25 de fevereiro em Curitiba foram canceladas pela coordenação, resultando em atraso na solução para, no mínimo, 400 produtores que aguardam o resultado de seus processos”, avalia Meneguette.

Segundo ele, além disso, as reuniões previamente agendadas para os dias 23 e 24 de junho em Curitiba podem ser inviáveis porque coincidem com as datas dos jogos de futebol da Copa. “Provavelmente haverá dificuldades em encontrar disponibilidade de voos, inclusive com custos consideráveis de hospedagem e das passagens aéreas, sendo recomendável desde já antecipar essa reunião para maio”. Meneguette observa ainda que o número de produtores que recorrerão à CER deve aumentar por causa dos prejuízos provocados pelo clima durante a safra de verão.

FAEP cobra posição sobre políticas federais para o trigo

Com a proximidade do início do plantio do trigo no Paraná, o presidente do Sistema FAEP cobrou do governo federal uma posição concreta sobre as políticas agrícolas para as culturas de inverno. Em 2013, o Brasil realizou uma importação recorde do cereal, da ordem de 7,5 toneladas. Para este ano é esperado um aumento na área plantada do Estado. Porém, para que haja segurança no plantio, é preciso que o governo anuncie claramente quais serão suas políticas de apoio a esta cultura. Este anúncio era esperado para fevereiro, porém, até o momento não houve nenhuma ação nessa direção.

Em face deste descomprometimento, a FAEP encaminhou no último dia 12 documento ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), ao Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), à Casa Civil, ao Ministério da Fazenda e ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), requisitando a publicação das políticas para as culturas de inverno, tendo em vista que os produtores precisam conhecer estas políticas para iniciar o plantio da safra.

A urgência na definição de uma posição do governo federal é grave, pois, de acordo com o zoneamento do Mapa, o início do plantio no Paraná teve início no dia 11 de março.

Conselho dos produtores de cana-de-açúcar, açúcar e álcool do Estado do Paraná - CONSECANA-PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 12 - SAFRA 2013/2014

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 27 de fevereiro de 2014 na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo aos dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam o preço do ATR realizado em fevereiro de 2014 e a projeção atualizada do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2013/2014, que passam a vigorar a partir de 1º de março de 2014. Os preços médios do Kg do ATR, por produto, obtidos no mês de fevereiro de 2014 conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

PREÇO DO ATR REALIZADO EM FEVEREIRO 2014 | SAFRA 2013/2014 - PREÇOS EM REAIS À VISTA

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU - SEM IMPOSTOS

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,62%	39,67	0,91%	37,46
AME	46,48%	39,20	51,63%	42,72
EAC - ME	0,00%	-	2,45%	1.404,03
EAC - MI	25,87%	1.502,01	14,85%	1.361,21
EA-of	0,09%	1.592,49	0,08%	1.368,77
EHC - ME	0,00%	-	5,23%	1.211,02
EHC - MI	25,64%	1.346,77	24,49%	1.190,82
EH-of	0,29%	1.381,76	0,35%	1.208,55
Obs: 1) EAC - ME+MI+of	25,96%	1.502,31	17,38%	1.367,29
EHC - ME+MI+of	25,94%	1.347,17	30,08%	1.194,55

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,62%	0,4498	0,91%	0,4247
AME	46,48%	0,4463	51,63%	0,4863
EAC - ME	0,00%	-	2,45%	0,4940
EAC - MI	25,87%	0,5284	14,85%	0,4789
EA-of	0,09%	0,5603	0,08%	0,4816
EHC - ME	0,00%	-	5,23%	0,4447
EHC - MI	25,64%	0,4945	24,49%	0,4372
EH-of	0,29%	0,5073	0,35%	0,4437
Média		0,4802		0,4705
Obs: 1) EAC - ME+MI+of	25,96%	0,5285	17,38%	0,4810
EHC - ME+MI+of	25,94%	0,4946	30,08%	0,4386

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO ESTADO DO PARANÁ - SAFRA 2013/2014 - PREÇOS EM REAIS À VISTA

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU - SEM IMPOSTOS

Produtos	MIX	Média
AMI	0,90%	37,47
AME	52,11%	42,36
EAC - ME	2,31%	1.404,03
EAC - MI	14,81%	1.364,93
EA-of	0,07%	1.368,77
EHC - ME	4,93%	1.211,02
EHC - MI	24,53%	1.193,87
EH-of	0,33%	1.208,55

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	MIX	Média
AMI	0,90%	0,4249
AME	52,11%	0,4823
EAC - ME	2,31%	0,4940
EAC - MI	14,81%	0,4802
EA-of	0,07%	0,4816
EHC - ME	4,93%	0,4447
EHC - MI	24,53%	0,4384
EH-of	0,33%	0,4437
Média		0,4690

PROJEÇÃO DO PREÇO FINAL DA CANA BÁSICA R\$/TON - 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	51,21	57,20
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	51,21	57,20

Maringá, 27 de fevereiro de 2014.

PAULO ROBERTO MISQUEVIS | Presidente
ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO | Vice-Presidente

ALTO PIQUIRI



Inclusão Digital

O Sindicato Rural de Alto Piquiri realizou o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris - Inclusão Digital - 16 horas. O curso foi realizado nos dias 17 e 18 de fevereiro e contou com a participação de 14 alunos. O instrutor foi Clovis Palози.

CAMPINA DA LAGOA



Olericultura

Trabalhador na Olericultura Básica - Olerícolas de Raízes, Bulbos e Tubérculos - alho, batata, batata-doce, beterraba, cebola, cenoura, mandioca, nabo e rabanete foi o tema do curso oferecido pelo Sindicato Rural de Campina da Lagoa. As aulas aconteceram nos dias 12 a 14 de fevereiro. O curso teve 12 participantes e a instrutora foi Tatiane Zeniquei Martins.

IVAIPORÃ



Casqueamento

O Sindicato Rural de Ivaiporã e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jardim Alegre promoveram no município de Jardim Alegre, junto com o SENAR-PR, o curso de Trabalhador na Bovinocultura de Leite - casqueamento de bovinos de leite. As aulas aconteceram nos dias 19 e 20 de fevereiro para um grupo de 11 participantes, com a instrutora Luciene Mota Moreira.

REALEZA



Piscicultura

Nos dias 20 e 21 de fevereiro no Sindicato Rural de Realeza realizou em parceria com a Emater o curso de Trabalhador na Piscicultura - sistemas de cultivo. O curso teve a participação de 15 produtores rurais. A instrutora foi Claudia Manteli.

SERTANÓPOLIS



Operação colhedora

Trabalhador na Operação e Manutenção de Colhedora Axial – CASE – intermediário. O curso foi realizado pelo Sindicato Rural de Sertanópolis. As aulas aconteceram de 20 a 24 de janeiro para um grupo de 15 produtores e trabalhadores rurais com a instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewiski.

UBIRATÃ



Derivados de leite

O Sindicato Rural de Ubatã, em parceria com as Associações de Desenvolvimento Comunitária (ADCY) e de Mulheres de Yolanda (AMY), ofereceu o curso Produção Artesanal - derivados de leite. As aulas aconteceram nos dias 12 e 13 de fevereiro para um grupo de 12 produtores e trabalhadoras rurais. O instrutor do grupo foi Sergio Kazuo Kawakam.

RIBEIRÃO DO PINHAL



Plasticultura

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal ofereceu o curso de Trabalhador na Olericultura Básica - Plasticultura. As aulas aconteceram nos dias 11, 12 e 13 de fevereiro, na Fazenda Santa Maria. Participaram um grupo de 10 produtores rurais com o instrutor Jair Telles de Proença.

MARILÂNDIA DO SUL



Inclusão digital/ gestão

Dois cursos foram realizados no mês de fevereiro pelo Sindicato Rural de Marilândia do Sul. Nos dias 03 e 04 de fevereiro o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris – Inclusão Digital. Com a instrutora Gisele Bianchini. E nos dias 17 a 21 o curso de Gestão Rural com o instrutor Célio Marques Luciano Gomes. Foram atendidos 23 trabalhadores rurais funcionários da Fazenda Eldorado.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Países Baixos

A Holanda é chamada de Países Baixos, porque mais de um quarto do país está abaixo do nível do mar. E por que não seria então País Baixo, no singular? É que a Holanda é dividida em 12 províncias, que seriam os tais países, no plural. Duas dessas províncias - chamadas de Holanda do Norte e do Sul - acabaram virando sinônimo de toda a região em alguns idiomas, como o português e o espanhol.



Terço Eletrônico

No meu e no teu tempo, creio, as filhas de Maria se reuniam e rezavam contando as contas do terço ou do rosário. A tecnologia está facilitando a vida dos fiéis e encontra-se à venda nas boas casas do ramo de produtos religiosos e pela Internet terços e rosários eletrônicos. Tem uns que rezam por você, basta ficar ouvindo, sem gastar saliva. Um deles de N. Sra. Aparecida e do Papa Francisco, importado da Itália, custa R\$ 670,00 (com caixa trabalhada), mas estava em oferta por R\$ 520,00 ou 10x sem juros. Carinha essas ave-marias.



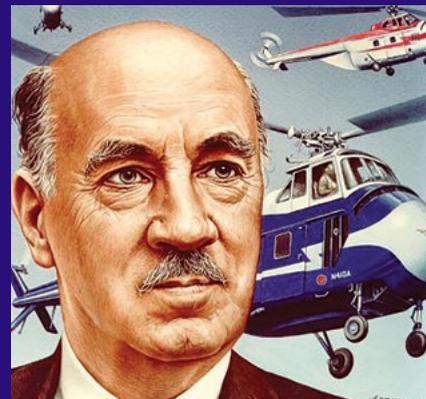
Preguiça e inveja

Um paulistano, trabalhando duro, suado, de terno e gravata, vê um caipira deitado numa rede, na maior folga. O paulistano não resiste e diz:

— Você sabia, que a preguiça é um dos sete pecados capitais?

E, o caipira, sem nem se mexer, responde:

— A inveja também!



Sikorsky

Em 1910, o engenheiro russo Igor Sikorsky construiu o primeiro protótipo de helicóptero do mundo capaz de decolar. Iniciou a Revolução Comunista e ele picou a mula para os Estados Unidos. Lá ele virou capitalista, fundou a empresa Sikorsky Aeroengineering e criou o VS-300, o primeiro helicóptero funcional. Aparelhos de Sikorsky participariam de operações de reconhecimento e salvamento no fim da Segunda Guerra (1939-1945) Seu projeto serviu de base para a construção de 95% dos helicópteros do mundo.

Oriente e Ocidente

A primeira imagem que retrata o mundo como o conhecemos hoje é do cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (1475-1522) Ele dividiu a Terra entre Oriente e Ocidente em abril de 1507, quinze anos depois da chegada dos europeus ao continente americano. O mapa de Waldseemüller foi o primeiro a utilizar o termo “América” e apenas um de seus mapas sobrevive até hoje, na Biblioteca do Congresso norte-americano.



Farejadores

O Labrador, golden retriever, pastor alemão e o pastor belga são as raças mais usadas no combate ao tráfico de drogas. Esses cães têm um faro apuradíssimo, graças aos seus mais de 200 milhões de células olfativas - para ter uma ideia, o fox-terrier tem 147 milhões e o homem – míseros 5 milhões.

Irmão dele

No meio da missa, todos ouvindo o padre e nesse instante o Diabo aparece no altar... Todos saem correndo, até o Padre.. mas fica uma velhinha...

- E a senhora? – o Diabo pergunta – A senhora não tem medo de mim?

- Imagina! – responde a velhinha – Eu já fiquei 40 anos casada com seu irmão!

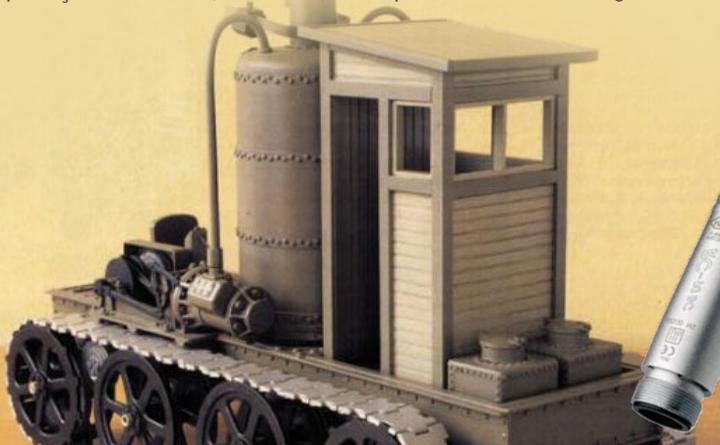
Sono profundo

Segundo uma pesquisa da Universidade do Alasca, os ursos-negros, hibernam, tiram o time do gelo entre cinco e sete meses por ano. O metabolismo fica reduzido a 25% de sua capacidade, a temperatura do corpo baixa em média 6 °C e a frequência cardíaca cai de 55 para só nove batimentos por minuto! A queima da gordura estocada no corpo libera a água e as poucas calorias de que ele necessita para sobreviver. Depois do sono, sai de perto que o urso vem com fome de leão.



Lagarta mecânica

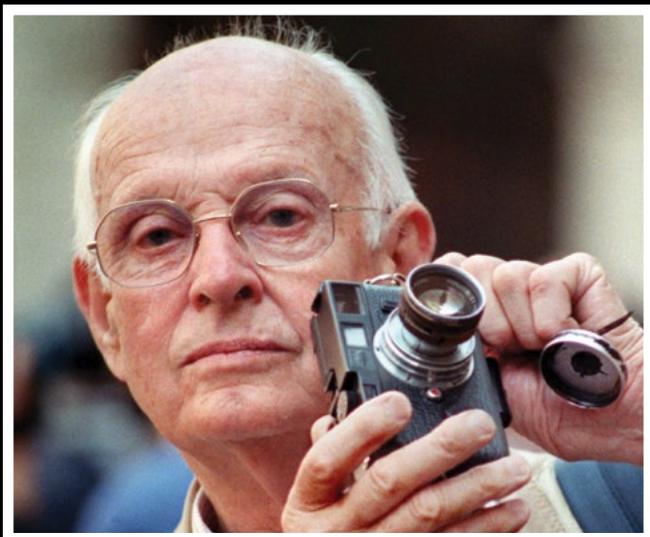
Em 1837, o oficial do exército russo Dmitri Zagriájski elaborou e patenteou o projeto da lagarta mecânica. Mas foi só em 1877 que o inventor autodidata Fiódor Blinov reformulou o projeto de Zagriájski construindo um vagão de lagartas. Essa releitura do projeto original deu luz verde à produção de tratores e, mais tarde, de tanques de combate com lagarta.



O massacre da broca

A cárie abre um buraco no esmalte, que é o escudo do dente, e expõe a dentina, a área mais interna. É bem aí que a broca age. Ela é formada por um anel que gira rapidamente, arrancando minúsculos pedaços do tecido cariado. Embaixo há a pulpa que hospeda o nervo e é ali que reside o perigo, aliás, a dor pavorosa se for atingido.





UM CLIC E...

O autor do texto é o francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004), considerado o “pai da fotografia artística associada ao jornalismo”. Com outros fotógrafos fundou nos anos 1940 a famosa agência Magnum, que se notabilizou pela força das imagens de conflitos de guerra, temas sociais e políticos. A agência existe até hoje.

Sua carreira de mais de 50 anos está sendo mostrada em 500 imagens no Centre Pompidou, em Paris, até 9 de junho. Cartier Bresson é reverenciado como um dos maiores ou o maior especialista em fotojornalismo .

Hoje em dia os milhões de celulares transformam qualquer pessoa em um fotógrafo potencial. As variáveis para os cenários fotográficos são inúmeras: expressões, natureza, gente, esportes, política, economia, etc.

Mas o profissional no ramo do fotojornalismo, além dos perigos, porque são nos conflitos que surgem os flagrantes mais impressionantes, tem a sensibilidade para fazer o “clíc” (ou “clics”) nos momentos exatos. A frase “uma imagem vale mais que mil palavras” é creditada a Confúcio (551 a.C – 479 a.C). Mas há quem diga que “Para se fotógrafo basta um olho, um dedo, um cérebro e um coração”.

“Para mim, a fotografia é um reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, do significado do acontecimento, bem como da precisa organização das formas que dá ao acontecimento sua exata expressão”



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- Mudou-se
- Desconhecido
- Recusado
- Endereço insuficiente
- Não existe o nº indicado
- Informação dada pelo porteiro ou síndico
- Falecido
- Ausente
- Não procurado

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br